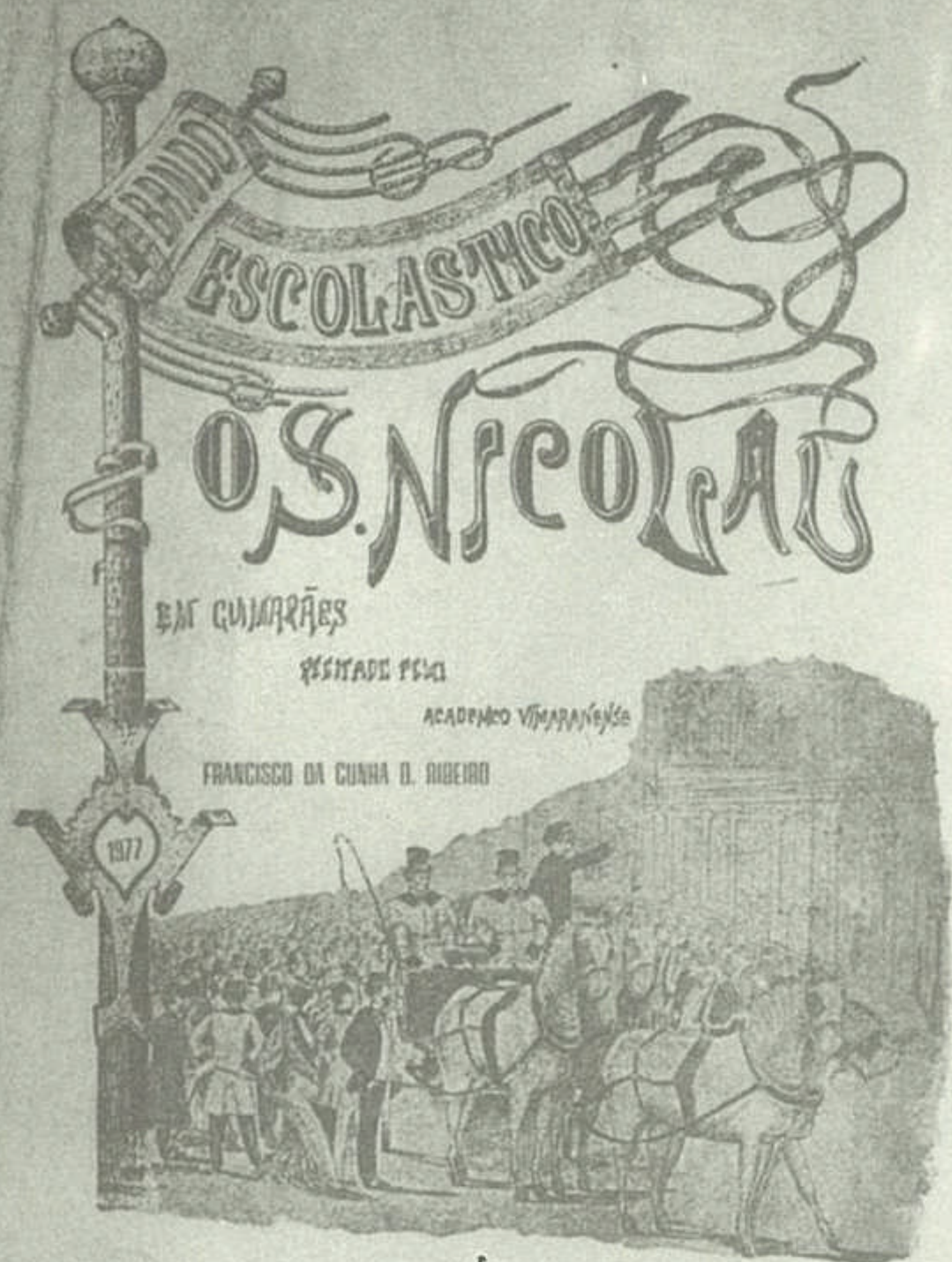


O Pregão de S. Nicolau

Recitado por FRANCISCO DA CUNHA D. RIBEIRO aluno do 7.º ano do Liceu Nacional de Guimarães

A' jovem Academia e ao Povo é dedicado este Pregão.

O AUTOR.



EM GUIMARÃES

REVISTA DA

ACADEMIA VISEGANDA

FRANCISCO DA CUNHA D. RIBEIRO

1977

Calem-se murmúrios! Baixe a discussão!
Val ser dissecada em nobre julgamento
A vida da Cidade, a vida da Nação
Havendo por juiz o justo sentimento
Que me veste a toga, que despe o pregão.
E ninguém boicote o seu prosseguimento
Pois que haja ordem, manda a tradição
E seja a sentença um juízo isento!

Sereis vós Jurados neste ajulzar
De anunciar o bem, de concertar o mal
Depois de prometerdes ouvir sem falar
Adoptando o gesto do ente carnal
Que do aceno, faz artes de afirmar.
Porque de contrário era bulha tal
Ninguém saberia o ânimo reffear
Pivando do pregão seu ar doutrinal

Lançar-me-ei agora em recta no espaço
A surrar a porta da Olímpica morada
Trocando carburante por ébrio bagaço
Atendendo ao preço, ser ela afastada.
Rogarei às musas e ao Santo mais vivaço
Que vote inspiração não quebre a toada
Rasgue o firmamento e com sábio traço
Ilustre um clarão nesta urbe azada.

Também farei descer lá do Infinito
Todos os Notáveis que da Suprema Lei
Lograram escapar por Nicolino espírito.
Hoje aqui virão e aí juntá-los-ei
Nesta nossa festa que eles fizeram mito
A render-lhes preito, o melhor que sei
Procurando forças no esforço dito
Dar-lhe cumprimento e não zombar da grei.

Aíai multidão o ouvido ladino
Fazel penetrá-lo no vero reclamo
Traçado da pena pleno de tino
Dos vossos anseios que são do vosso amo.
Atentai no parceiro o tipo mais fino
E aos botões dizei: "este já tramo"
Se cumprir quereis à letra o nosso hino
E ultrapassar Braga num fogoso gamo.

Não rapinará mais essa ave vivaça
Que Guimarães acordou e sabe-lhe fazer frente
Obrigando-a agora a ir procurar caça
Lá pró quinto reino ou para Sol poente.
Só assim estaremos isentos da desgraça
De ver o que é nosso do lado de quem mente
Apanhando migalhas que nos dão por graça
Para enganar com elas a barriga à gente.

Queremos pois do bolo a nossa quota-parte
E uma relação sempre deveria haver...
Nesse intento vouu um apelo a Marte
Vieram materiais e armas para rever
Nas mãos do pessoal e dos homens da arte
De Vila Flor Palácio em Casa do Saber
Porque a faculdade será um caso à parte
Na criação dos mestres que ansiamos ter.

E chegará servil a fim de a inaugurar
A ronda oficial ou o vento do sazão
Que o evento jurou dispôr-se a brindar
Este baluarte erguido à custa da razão.
Aproveitando o lance podemos solicitar
Que benfitorias invadam a região
Pela calada da noite e sem Braga acordar
Evitando da zanga a forte discussão

Aqueceu o tempo sobre a capital
Estando já S. Bento em rara ebulição
Enquanto o Zé aguarda a dor intestinal
Companheira fiel desde a revolução
E dada pela alcunha: Produto nacional.
Primeiro foi Medeiros a pedir demissão
E passar a pasta a outro seu igual
Dando prova sobeja da equa divisão

Hoje é guerra fria o tema de momento
Com a oposição em luta declarada
A decidir o prélio no parlamento
E preparar — talvez — grande debandada
Nas rubras hostes afectas a S. Bento.

Mas só por isso não surgiria o mote
O caso é mais grave merece tratamento...
Dizem que Soares leva no Pacote
O nosso labor, o nosso esgotamento...
Emudeçam os ditos e suspendam o corte
Organizem palestras de reajustamento
Mostrando a Verdade ser o nosso forte
Que contra a carestia virá novo aumento.

Acabada de vez a torpe acusação
É tempo de cuidar a nossa própria sorte:
Abalaremos de jipe rumo à Conceição
A visitar as obras, as casas de alto porte
Acompanhar no sítio a franca evolução
Da futura moderna capital do Norte
Que em breve irromperá em palco da nação
Ao qual subiremos mesmo sem passaporte.

Avançar então na senda do progresso
Voltam a avivar passadas sugestões:
O campo de aviação virá de regresso
Perfilar no rol das justas ambições...
E ninguém dirá que foi pedido excesso
Quando aterrarem imensos aviões
Vindos até cá, chegados do Universo
Com doces turistas e sérias delegações.

Entretanto, ficarás bastante admirado
Quando sem apitos e o polícia a esbracejar
Vires num repente o trânsito parado
Efeito das luzes a acender e a apagar
Denominadas sinaleiro mecanizado.
A iniciativa é feliz, é de louvar
Na retenção do condutor apressado
Ou fazer na baixa o trânsito desanuviar.

Porém, nada há sem respectivo senão...
Os buracões respeitam a época costumeira
Na escolha de local para furar o chão
Traz-não convidada terrível lamaceira
A completar o acto da devastação.
Desde Azurém abre-se enorme trincheira
Que entra na cidade junto ao coração
Gerando o assunto acesa faladeira...

Mas não fiques trombudo Zé criticador
Se na Rib-la um bolo te apetece
E se para lá chegar fores de tractor.
Poeta a tubagem logo irá desaparecer
A causa infundada do teu rancor
Porque sabes bem ela veio socorrer
A torneira esquecida, cheta de bolor
Dar-lhe novo alento e pô-la a escorrer.

Peregrino, também tens lugar neste pregão
Que a tua fé na penosa caminhada
É digna do respeito e nossa admiração!
Terás finalmente na Costa a pousada
Onde o repouso delega na decoração
Como lenitivo para a escalada
Da montanha a Penha, altar de oração
A rogar ao céu que nunca a veja fechada.

O motivo da prece tem ele cabimento
Porque um outro sonho já se desvanece
Estando na Oliveira votada ao esquecimento
A falada estalagem que o tempo fenece.
E sendo parca a cidade em alojamento
É hora de lembrar que o préstimo se apresse
Garantir ao visitante digno recolhimento
E atender o elogio que o burgo merece.

Ó Minerva da sabedoria Senhora!
Andas distraída, não estás zangada?
Entregas nosso destino em mão ignora
De quem para ensinar não sabe nada
Antes navega em bola salvadora
Da panelinha em abril sorteada.
Devolve à câmara a garra usurpadora
Vela por nós, mantem-te pois, acordada!

Ouviste certamente do MEIC o Mayor
Porque também ouvimos com complacência
Rezar que nossos filhos aprenderão melhor
Exigindo dos mestres alta competência...
Abunda aí sem emprego muito professor
Capaz de lançar no mundo da ciência
O filho do caixeiro e o filho do doutor
Mas afastados estão de sua docência.

Senhor ministro, veja, os mestres que nos manda

E atento prossiga sem ficar enrolado.
Temos cá um triste exemplar da banda
Que em francuguês, sim, está diplomado...
Corre depois a boca que o estudo não anda
Preferem as meninas falar ao namorado
Fazendo do liceu romântica varanda
Aos livros sobrepondo o fito amalandrado.

Já não há sossego, andas em sobressalto...
Voltas a casa à noite com eles na mão
Tal avanço leva a era do assalto
Que mesmo do sítio nem esses pouparão.
Já basta no banco erguer as mãos ao alto
Apontar de baixo o roubo do avião...
Val à prefeitura exigir o dito salto
Na recruta de efectivos para a corporação

Se mal recebido fores, firma o teu vocato
Que assinares contigo sólida aliança:
Eu e vós mudamos em reis do desacato
A reclamar acção junto à governança.
Porém, lanças o olho a qualquer biscato
Darás à bomba no encher da pança:
O corpo gordinho com o ar barato
A contribuir na fixada poupança.

Deste teu amigo vai sagaz rebento
Saído do debate e de farta treta
Sobre dos impostos recente alargamento:
A parcária esconde na tal gaveta
Estuda cauteloso a base ao orçamento
E dos fatos veste aquele de forreta
A cumprir forçoso agora o pagamento
Do profissional imposto somado ao da gorjeta!

Não podes no entanto roer tua sina
Tu que da barriga és um caso perdido
Pois não consta ainda imposto da latrina
Nem se pensa hoje esteja resolvido.
Se porém, um dia, quiserem outra mina
Deparas com o ar ao litro aferido
Destinado ao povo em qualquer esquina
A preço elevado e não discutido!

País de gente ousada desde a criação
Rico de metal benzido a água benta
Portugal outrora ao mundo deu lição
Firme no escudo no auge da tormenta.
Transformado cedo em reino sem tostão
Por algum feitiço de bruxa peçonhenta
Mais se assemelha com frágil balão
Que da distração logo se arrebenta.

Rodeando o virus tamanha gravidade
Vai de visitar da noite para o dia
Quem atalhar possa nossa enfermidade:
Iniciado a pedir em longa romaria
O governo pensa marcar continuidade
Porque em ilhéus viu uma tal Maria
Destra de talento e séria habilidade
A desembolsar ufana, grossa maquia!

Toma a gasolina um progressivo aumento
Que nisto de subir fica a gente banzadal
Mas o importante será, fazer investimento
Em gasolina a retalho senão enlatada
A menos que alguém com atrevimento
Queira ver pregar partida bem pregada:
Habituar na bomba palha a um jumento
E seguir viagem na mula atestada.

Zé trabalhador que botas faladura
Nas reuniões, em horas de trabalho
Largas o emprego por qualquer ranhura
Trabalhador não és, és um estardalho...
Do cinema escolhes a fita obscura
Rompes o cueiro à volta dum baralho.
Deixa a brincadeira encara a vida dura
Restaura a economia feita num frangalho!

Cansada de impingir burilada mistela
Que o povo tragava sempre a reffilar
Enfim a teve metido o pé na trela
E eis que de repente parece agradar!
O intuito era outro ao passar na tela
Flamendo enredo às taxas por pagar
Sendo secundário o caso Gabriela
Pois ido o folhetim, mais irás berrar!

Restará apenas, do jeito acolhedor
Esperar aos vivos de raminho na mão
Os heróis brilhantes, prenhes de valor
Que hábil impulso, deram à televisão.
No voltar da página esquece tua dor
E afoga o desgosto na letra do Pregão
Este rascunho pobre, sem nenhum valor
Mas riscado a "Parker" e tento folgazão.

Ordenou da nossa terra o Vitoria
Que do ajuste, firmasse bom contrato
Marcando o treinador nota introdutória
Dum tranqüilo e fácil campeonato...
Há quem diga até, com força suasória
Ter virado o Tito em verdadeiro rato
A desferir certo, remate de glória
Que na Europa à cena, vem segundo acto.

Rendia o "futebol" extenso falatório
Não fosse talvez aquele teu fraquinho
Motivo interessante em todo o auditório
Cioso comentador do habitual fadinho.
O ruinoso Internato passa a provisório
Enquanto o novo ciclo arpeja caminho
Que urge engalolar em sítio meritório
Canalhada tanta no edifício novinho.

Se palacete, julgaste que seria
Enganado foste e bem enganado:
Enxergas desse cujo uma alegoria
Senão fabricação do "pré-fabricado".
Dá-te por feliz vê-lo à luz do dia
Erguer-se no desejo de ser utilizado
Pois o Estado, oferecer mais, não podia
Sem afectar a verba, em que foi orçado.

Meter o bico na vida do alheio
Não é minha arte menos o costume
Embora disso, conheça rude esteio
Na pessoa dum olhar que me bota lume:
De "Tagilde" não falo no uso deste meio
Mas da Vizinha que cada dia assume
Maior brandura nas regras do torneio
Movido pelos Bascos com muito azedume.

A Catalunha lá teve a Independência
Porque a Espanha lança a nova dimensão
Da democracia em franca convivência
Dos caminhos da Paz, Amor e Compreensão!
Também na ONU combatem a violência
De quem do racismo é amigo de feição
Tendo do embargo vencido a eloquência:
Armas para exhibir, mas matar, isso não!

Senhores, vamos destroçar nossa brincadeira
Quedar esta lábia descansar a garganta
Sem esquecer de pronto a nossa companheira
Amada quanto esquiva em beleza tanta.
Caminhas tranqüila com "serena" e arteira
Anjélica garota tens o rosto de santa
Mas guardas a "pureza" de qualquer maneira
Metida em justa calça que a todos espanta!

Se censurada eras na moda dos fraldões
Não escaparás hoje à fina sugestão:
Larga a farta veste, calças e saídas
À nossa festa dando enorme sensação
E em cuecas, nus ou mesmo de calções
Vem connosco à ferra, à grande ballação
Mostrar que sois primeiras nestas colecções
Da moda original a ditar no verão.

Foi muita asneira dita, outra por dizer
Em graça popular e pouco rebuscada
Em termo corrido, em termo de entender
Que o Pregão ao povo nunca disse nadal
Já sinto da garganta a goela a arder
No corpo um torpor a língua colada...
Que Baco me acuda neste meu sofrer
Ou Nicolau ordene daqui a retirada;

Amigos Nicolinos rufai nesses tambores
Fazel da chintrreira o gesto bem assente
De punho bem erguido espalhai terrores
Mostrai da vossa tèmpera a força do "Batente"

Dezembro de 1977

AMÉRICO T. A. FERREIRA

Arquivo Teixeira de Almeida Ferreira